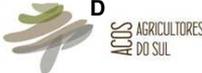


Identificação de fatores de risco para a ocorrência de peeira em explorações de ovinos na região Alentejo

Caetano, P. A, Branco, S. A, B, C, Monteiro, H D, Bettencourt, E. A, B, C, Dias, C. C, Tábuas, L. D, Matos, C. D, Henriques, P. C, E



INTRODUÇÃO

A peeira é uma doença altamente contagiosa, sendo causada pela bactéria *Dichelobacter nodosus*¹. Esta doença afeta a epiderme do espaço interdigital e as úngulas dos ruminantes, sendo os ovinos os mais suscetíveis¹. A peeira corresponde à principal causa de claudicação em ovinos², tendo por isso uma enorme relevância tanto do ponto de vista económico como de bem estar animal³. Já foram reportados casos clínicos de peeira ovina em grande parte dos países que se dedicam à produção de ovinos⁴. Apesar de não haver dados referentes à prevalência e aos fatores de risco de peeira ovina no Alentejo, é opinião geral dos médicos veterinários e produtores que esta afeição tem um impacto financeiro bastante avultado nas explorações de ovinos.

OBJETIVOS

- estimar a prevalência de peeira em explorações de ovinos na região Alentejo;
- identificar os fatores de risco associados à existência da doença nesta área geográfica.

METODOLOGIA

- Inquéritos epidemiológicos a produtores de ovinos da região Alentejo (n=607)
- Questionários, por entrevista oral, aos proprietários de explorações de ovinos – seleção aleatória em todas as OPP's do Alentejo.
- Período de recolha dos inquéritos: outubro de 2016 – dezembro de 2017.
- Análise estatística: IBM® SPSS Statistics®: teste F da ANOVA para variáveis quantitativas; Qui-quadrado para variáveis qualitativas.
- Prevalência estimada nas explorações inquiridas: calculada com base nas respostas afirmativas dos produtores à presença de peeira nas suas explorações.

RESULTADOS

Foram obtidos 607 inquéritos, sendo a prevalência global nas explorações inquiridas estimada em **34,6%**. Os inquéritos realizados por sub-região e a respetiva prevalência encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1: Inquéritos realizados por sub-região, explorações com resposta positiva e prevalência estimada (%)

Sub-região	Total de explorações	Explorações com resposta afirmativa	Prevalência estimada
Baixo Alentejo	227	67	29,5%
Alentejo Central	163	62	38,0%
Alto Alentejo	125	58	46,4%
Alentejo Litoral	92	23	25,0%

Na figura 1 é possível observar a distribuição geográfica das explorações que responderam afirmativamente à presença de peeira nos seus efetivos (prevalência estimada, %)

Como **fatores de risco** da existência de peeira foram identificados (tabela 2):

- **Maior área de exploração**
- **Maior dimensão do efetivo**
- **Concentração das épocas de cobrição / partos**
- **Presença de áreas com montado**
- **Estabulação dos animais**
- **Fraca capacidade de drenagem dos solos**
- **Participação em feiras e mercados**

AGRADECIMENTOS

Este estudo engloba-se no projeto GEN-RES-ALENTEJO (ALT 20-03-0145-FEDER-000037) – “Utilização de Metodologias Genómicas na Seleção de Ovinos resistentes à Peeira e a Parasitas Gastrointestinais na região do Alentejo”. Este Projeto é financiado pelo Fundo Europeu para o desenvolvimento regional e pelos programas Alentejo 2020 e Portugal 2020. Agradece-se também a todos os médicos veterinários e produtores que se disponibilizaram a divulgar e responder aos inquéritos.

BIBLIOGRAFIA

- Raadsma H., Egerton J. (2013). A review of footrot in sheep: Aetiology, risk factors and control methods. *Livestock Science*, 156, 106-114.
- Winter J. R., Kaler J., Ferguson E., Kilbride A. L., Green L. E. (2015). Changes in prevalence of, and risk factors for, lameness in random samples of English sheep flocks: 2004-2013. *Preventive Veterinary Medicine*, 122(1-2):121-8.
- Nieuwhof G. J., Bishop, S.C. (2005). Costs of the major endemic diseases of sheep in Great Britain and the potential benefits of reduction in disease impact. *Animal Science*, 81, pp 23-29.
- Raadsma H., Dhungyel O. (2013). A review of footrot in sheep: New approaches for control of virulent footrot. *Livestock Science*, 156(1-3), 115-125.
- Green, L. George, T. (2008). Assessment of current knowledge of footrot in sheep with particular reference to *Dichelobacter nodosus* and implications for elimination of control strategies for sheep in Great Britain. *Journal of the Veterinary Medical Association*, 193(1), 1-7.
- Angell J., Grove-White D., Duncan J. (2018) Sheep and farm level factors associated with footrot: a longitudinal repeated cross-sectional study of sheep on six farms. *Veterinary Record*.
- Bennett G., Hickford J. (2011) Ovine footrot: New approaches to an old disease. *Veterinary Microbiology*, 148, 1-7.
- Emery, D., Stewart, D., Clark, B. (1984). The comparative susceptibility of five breeds of sheep to foot-rot. *Australian Veterinary Journal*, 61: 85-88. *Britain. The Veterinary Journal*, 175: 173-180.

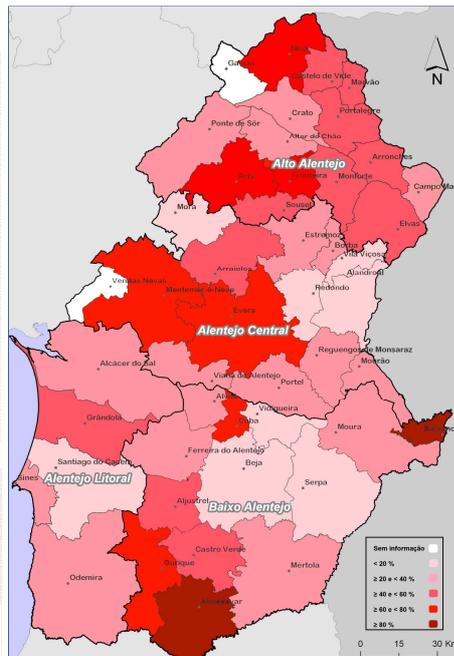


Figura 1: Distribuição das explorações em função da prevalência estimada de peeira (% , n=607)

Tabela 2: Fatores de risco para a peeira ovina em explorações do Alentejo (Odds ratio (OR) e Intervalo de Confiança (IC))

Variável	Amostra	p-value	OR e IC a 95%
Área (hectares)	≥ 100	<0,001	2,44
	< 100		[1,73; 3,47]
Nº ovinos	≥ 150	<0,001	3,17
	< 150		[2,23; 4,53]
Épocas de parto	Concentrada	<0,001	2,07
	Todo o ano		[1,47; 2,91]
Montado	Presente	<0,001	2,71
	Ausente		[1,71; 4,28]
Estabulação dos animais	Sim	<0,01	1,66
	Não		[1,15; 2,39]
Drenagem dos solos	Fraca	<0,01	3,75
	Boa / Média		[1,56; 8,99]
Participação em feiras	Sim	<0,05	1,86
	Não		[1,07; 3,24]

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

De acordo com os inquéritos respondidos, existem diferenças estatisticamente significativas entre as sub-regiões do Alentejo (p<0,01), sendo que as explorações localizadas nos concelhos do Alto Alentejo e Alentejo Central apresentam prevalências de peeira tendencialmente superiores. Os concelhos de Barrancos e Almodôvar (Baixo Alentejo) são exceção a essa evidência.

Os fatores de risco identificados estão de acordo com os trabalhos de Green & George⁵ e de Angell *et al.*⁶, uma vez que estão associados a um aumento da densidade populacional, que consequentemente levam a um incremento da quantidade de *D. nodosus* presente no ambiente, favorecendo a disseminação da doença. A fraca capacidade de drenagem dos solos favorece a maceração do estrato córneo da úngula, facilitando a penetração do agente na pele⁷. Contrariamente ao descrito por Bennett & Hickford⁷, não foi possível determinar as variáveis climáticas (pluviosidade, temperatura e humidade) como fatores de risco, possivelmente porque os dados meteorológicos usados (outubro de 2016 a maio de 2017) corresponderam a uma época de seca, pouco favorável ao desenvolvimento de peeira. Está descrita uma predisposição racial para o desenvolvimento da doença (raça merina é mais suscetível)⁸, mas nas explorações inquiridas não foi possível confirmar essa evidência uma vez que grande parte destas têm animais de raça cruzada.